



XX ENANCIB

21 a 25 Outubro/2019 – Florianópolis

A Ciência da Informação e a era da Ciência de Dados

ISSN 2177-3688

GT-2 – Organização e Representação do Conhecimento

CLASSIFICAÇÃO DAS ARTES NO SISTEMA DECIMAL DE DEWEY: REFLEXÕES SOBRE SUA GÊNESE E SEU USO

THE ARTS CLASSIFICATION IN THE DEWEY DECIMAL SYSTEM: REFLECTIONS ON ITS GENESIS AND ITS USE

Verônica de Sá Ferreira - Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro

Rodrigo de Sales - Universidade Federal de Santa Catarina

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Criada no século XIX, a Classificação Decimal de Dewey (CDD) carrega em sua estrutura hierárquica imutável o pensamento de sua época. Dentre as diversas fontes que contribuíram para sua concepção, William Torrey Harris destaca-se como a influência mais imediata de Dewey. A classe 700, dedicada às Artes, faz parte do esquema generalista da CDD e teve como base de sua origem as classificações filosóficas de Francis Bacon e, principalmente, de G. W. F. Hegel – refletidas na classificação de Dewey via Harris. Os objetivos da pesquisa são identificar e explicar possíveis insuficiências da CDD na organização sistemática da classe 700, destinada às artes, com vistas nos aspectos próprios das artes contemporâneas. Para tanto, como abordagem metodológica, adotou-se como plano de fundo a observação sob a ótica da dialética histórica-estrutural para dar corpo a uma investigação explicativa e qualitativa, tendo em vista interpretações extraídas de uma análise realizada tanto na classe 700 da CDD quanto na literatura voltada às artes contemporâneas. Os resultados destacam, do ponto de vista teórico e prático, algumas insuficiências da CDD quanto a seu arranjo hierárquico, abrangência e especificidade dos assuntos relacionados à Arte que aborda.

Palavras-chave: Classificação das Artes; Classificação Decimal de Dewey; Sistemas de Organização do Conhecimento.

Abstract: Created in the nineteenth century, the Dewey Decimal Classification (DDC) carries in its unchanging hierarchical structure the thoughts of its time. Among the various sources that contributed to its conception, William Torrey Harris stands out as the most immediate influence of Dewey. The 700 Class, dedicated to the Arts, is part of the generalist DDC scheme and was based on the philosophical classification of Francis Bacon and, mainly, of G. W. F. Hegel – reflected in DDC through Harris. The purposes of this research were to detect and explain DDC's shortcomings on the systematic organization of the 700 Class, dedicated to the Arts, based on the contemporary arts aspects. The methodological approach adopted as background was the historical-structural dialectics, which was used in order to develop an explanatory and qualitative investigation, considering the analyses of the 700 Class structure as well as the literature specifically targeted to contemporary art. From the practical and theoretical point of view, the results highlighted DDC's shortcomings concerning its hierarchical arrangement, its coverage and its specificity related to the present subjects of Arts.

Keywords: Art classification; Dewey Decimal Classification; Knowledge Organization Systems.

1 INTRODUÇÃO

O marco do desenvolvimento das classificações bibliográficas estabelece-se na segunda metade do século XIX. De acordo com Araújo (2009), a questão que direciona este período é como promover a classificação do conhecimento, não do ponto de vista filosófico, mas do ponto de vista útil para a recuperação dos itens informacionais. Os fluxos informacionais são vistos por sua inserção nas dimensões político-econômicas de um contexto específico. A nova perspectiva de estudos da informação a entende não mais como coisa, mas como processo (algo construído), essencialmente histórico e cultural, que só pode ser apreendido na perspectiva dos sujeitos que a produzem, a disseminam e a utilizam. A Classificação Decimal de Dewey (CDD) data deste século.

Elaborada por Melvil Dewey (1851-1931), a CDD é uma classificação geral segundo o campo do conhecimento que abrange, pois apresenta a ordenação de todo o conhecimento humano (PIEIDADE, 1983). Em seu nível mais amplo, a CDD é dividida em dez classes principais que abrangem, em conjunto, a totalidade do mundo dos saberes. Essas classes são desmembradas em dez divisões e cada uma delas em dez seções. A palavra “classe” pode ser usada para indicar as classes principais, divisões, seções e qualquer outro nível de notação na hierarquia. As classes representam a faceta principal da disciplina, sendo esta “um campo de estudo ou ramo do conhecimento organizado” (DEWEY, 2011, v. 1, p. LXXVI, tradução nossa). As Artes estão abrigadas na classe 700 deste Sistema e sua classificação é o objeto de estudo desta pesquisa.

A CDD está atualmente em sua 23ª edição e é a classificação bibliográfica mais utilizada a nível mundial. Contudo, suas revisões, realizadas a cada nova edição, são pontuais, considerando que a natureza deste sistema impede mudanças estruturais. Observa-se que as atualizações da publicação com relação à classe 700 não suprem a necessidade de representação temática do campo das Artes.

O pensamento artístico está sempre em transformação. A consciência do que é arte na atualidade difere daquilo que era aceito como arte séculos atrás. “A ideia de arte muda continuamente, de acordo com as épocas e com os povos, e o que para uma dada tradição era arte parece desaparecer face aos novos modos de operar e de fruir” (ECO, 1981, p. 136). Uma vez que o sistema utilizado para representar os assuntos deste campo do saber não acompanha estas mudanças, tende a se tornar ineficaz.

Dewey elaborou seu sistema de classificação de acordo com o pensamento vigente à sua época, século XIX, e reverbera até hoje a visão de mundo positivista de quando foi criado. A classificação geral do conhecimento é estabelecida sob um regime de verdade de uma época que respeita limites espaços-temporais específicos, tendo, portanto, um caráter provisório, uma vez que é característica do pensamento se modificar ao longo do tempo. Em contraste com o pensamento contemporâneo, que rejeita as verdades universais e questiona as garantias, torna-se desafiador aplicar um sistema que em sua essência impossibilita modificações estruturais.

Esta pesquisa é um exercício de ordem intelectual fruto de uma dissertação de mestrado e reúne problemas de ordem tanto teórica quanto prática, buscando explicitar alguns pontos que tornam a CDD insatisfatória para a representação temática de acervos de Arte nos dias de hoje. Para alcançar este objetivo, retoma-se a origem da CDD e o processo de elaboração da classe 700, seguido da análise das questões que permeiam a arte na contemporaneidade. Como as questões práticas são provenientes das questões teóricas, as insuficiências da classe 700 são explicitadas ao final do texto.

O presente estudo se caracteriza como bibliográfico, no que se referem às fontes utilizadas, pois será desenvolvido a partir de materiais bibliográficos já elaborados pela literatura nacional e internacional, além de consultar diretamente a 23ª edição da CDD. Possui procedimento técnico explicativo, na medida em que buscará identificar aspectos teóricos e filosóficos que determinam as insuficiências da CDD para com os assuntos atinentes à Arte. A análise de dados será qualitativa, pois se valerá de investigação e interpretação para inferir efetivamente sobre as lacunas da CDD. Lançar-se-á mão do método dialético de história-estrutural para viabilizar as comparações do esquema classificatório das artes de Dewey, bem como seus fundamentos teórico-filosóficos, com aspectos relativos à Arte na contemporaneidade.

2. A CLASSIFICAÇÃO DE DEWEY E AS QUESTÕES DA ARTE

Considera-se que, em grande medida, a lógica hierárquica vem conduzindo o pensamento filosófico ocidental e orientando a organização dos saberes. Olson (2001) afirma que a dualidade entre agrupar o que é semelhante e separar o que é diferente, é um princípio construído na cultura ocidental e também no processo de classificação. Inclusive,

“nada nos parece mais ‘natural’, óbvio e indiscutível que as classificações dos entes, dos fatos e dos acontecimentos que constituem os quadros mentais em que estamos inseridos” (POMBO, 2002, p. 1).

As classificações são, segundo Michel Foucault, “códigos ordenadores” da nossa cultura (POMBO, 2002). No entanto, “as categorias do pensamento humano nunca são fixadas de forma definitiva; elas se fazem, desfazem e refazem incessantemente: mudam com o lugar e com o tempo” (DURKHEIM *apud* BURKE, 2003, p. 78). As “verdades” que moviam os saberes no século XIX diferem da estrutura do mundo contemporâneo. Os sistemas de classificação seguem, portanto, a mesma linha. A “[...] categorização dos processos de conhecimento leva em conta parâmetros histórico-sociais, o que dificulta uma delimitação espaço-temporal, não permitindo, portanto, ter um caráter permanente” (SIQUEIRA, 2010, p. 38). Foskett (1973) afirma ainda que as classificações refletem as visões e valores dos classificacionistas que as criam.

Desta forma, para compreender a concepção da classe 700, dedica às Artes, na Classificação Decimal de Dewey (CDD) busca-se, primeiramente, entender o contexto no qual o autor estava inserido e a sua motivação para criá-la. Para traçar este panorama, apresenta-se, de forma resumida, a trajetória de Dewey – desde seu início enquanto classificacionista, até o estabelecimento e consolidação de seu Sistema. Deve-se considerar que o debate sobre a origem da CDD atravessa gerações, uma vez que seu próprio criador deixou informações inconclusivas a respeito da gênese de sua obra. (WIEGAND, 1998).

O percurso de Dewey inicia na *Amherst College*, onde estudou e trabalhou (PIEIDADE, 1983). Fundada em 1821, em Massachusetts (EUA), a instituição dedicava-se a comunicar verdades universais inquestionáveis – praxe das instituições de ensino superior no século XIX – e reforçava o melhor modelo de civilização do patriarcado ocidentalista, branco e cristão – senso comum do período. Dewey concordava com estes conceitos e considerava o mundo refletido neste currículo como objetivo e absoluto. (WIEGAND, 1998).

Dewey trabalhou na biblioteca da *Amherst College* e reconheceu rapidamente seu potencial para educação de massas, além de considerar sua organização não satisfatória. (PIEIDADE, 1983; WIEGAND, 1998). Voluntariou-se a aumentar suas responsabilidades a fim de sanar estas questões e manteve um diário que ajudou os estudiosos a remontarem seus passos. (WIEGAND, 1998).

Dewey leu sistematicamente a literatura sobre bibliotecas disponível, visitou e trocou correspondências com autores que desenvolveram princípios de classificação ou práticas de catalogação que o inspiraram no desenvolvimento de um método útil de organização bibliográfica. Entre estes nomes, está William Torrey Harris, reconhecido pela historiografia da CDD como a principal influência de Dewey. Em seus escritos, Dewey reconhece explicitamente uma dívida a Francis Bacon, mas geralmente ignora as contribuições de seus predecessores. (WIEGAND, 1998).

Para definir o conteúdo de cada classe de seu Sistema, Dewey contou com a comunidade do *Amherst College* e da *Amherst Faculty*. Assimilou da instituição a tradição e o currículo, além de utilizar os textos que os professores aplicavam em seus cursos como base para sua organização do conhecimento. Julius H. Seelye e John W. Burgess foram os professores que mais influenciaram neste processo, pois trabalharam ativamente junto a Dewey, listando e nomeando as divisões e seções da CDD. Ambos eram adeptos do pensamento de Hegel, o que possivelmente ajudou Dewey a ver com naturalidade a estrutura de William Torrey Harris, também hegeliano. (WIEGAND, 1998).

A asserção sobre a marcante influência de Harris no Sistema de Dewey revela-se em 1945, durante pesquisa biográfica sobre Harris elaborada por Leidecker (1946). A grande semelhança entre os sistemas leva o biógrafo a perceber uma dívida à Harris do protagonismo de Dewey. Em 1959, Graziano contribui ao debate afirmando que a base filosófica da CDD provém de Hegel, quer Dewey soubesse disso ou não. Graziano aponta para o fato de Harris ser estudioso de Hegel e de suas classes receberem ampla inspiração deste pensamento – ainda que Harris não cite explicitamente o filósofo em seus escritos.

Assim, se Dewey adaptou seu sistema a partir de Harris, consequentemente era ele também hegeliano. Olson (2011) corrobora com Graziano (1959) e acrescenta: “a progressão verificada nessas classes parece ter sido extraída dos trabalhos de Hegel, provavelmente via Harris” (OLSON, 2011, p. 6).

Após graduar-se, em 1874, Dewey foi contratado pela *Amherst* como bibliotecário associado. Completou seu esquema e, em 1876, registrou o *Copyright* da obra em Washington, D.C. (WIEGAND, 1998). Dewey objetivava que sua classificação pudesse organizar o acervo, não apenas da biblioteca da instituição onde foi produzida, mas de todas as bibliotecas dos Estados Unidos e defendia que o esquema de organização do conhecimento ideal deveria ser simples, conciso e rígrado. Para introduzir seu sistema, Dewey

elaborou uma complexa rede social. A divulgação e aceitação ampla da CDD contou ainda com a sorte de ter sido apresentada no início do movimento de bibliotecas públicas dos Estados Unidos. O esquema de classificação único beneficiou significativamente as bibliotecas e, desde que estas se tornaram modelo para outras bibliotecas públicas no século XX, o mundo adotou facilmente o sistema de Dewey (WIEGAND, 1998; FROHMANN, 1994).

Segundo Sales (2014, p. 35), o pioneirismo de Dewey está no desenvolvimento de um arranjo sistemático de assuntos gradativamente mais específicos. A representação destes assuntos por notações numéricas pautadas em casas decimais propiciou a localização relativa, oferecendo maior mobilidade dos livros dentro dos acervos. “Dewey proporcionou uma representação notacional clara e objetiva, pois a hierarquia dos assuntos era fundamentalmente refletida na hierarquia dos números que os representavam e, o caráter mnemônico tornava-se também possível com a notação decimal”. Além disso, o índice relativo também foi uma inovação à época e Dewey atribuiu ao instrumento uma grande importância, pois através dele qualquer pessoa seria capaz de classificar (PIEDADE, 1983).

2.1 A perspectiva filosófica da classificação das Artes

Antes de tratar os aspectos práticos que tornam a CDD insuficiente para a classificação dos assuntos atinentes à Artes, a estrutura filosófica em que repousa a classe 700 será aprofundada.

A historiografia sobre a origem da CDD evidencia que a classificação de Harris foi a que influenciou Dewey mais diretamente, ainda que este não explicitasse esta informação em seus escritos. Harris, por sua vez, carrega em seu esquema o pensamento filosófico de Hegel, também sem declarar tal fundamento. Cercado pelas ideias hegelianas, tanto em sua formação na *Ahmerst College* quanto pelo sistema de Harris, o percurso de Dewey não sustenta apenas as reflexões de Bacon, como ele afirma.

O fomento para o aprofundamento aqui proposto, parte do, já citado, artigo de Graziano (1959), que, valendo-se da classe Artes, levanta evidências que buscam comprovar o pensamento hegeliano como o verdadeiro suporte filosófico do esquema de Harris – e, conseqüentemente, da classificação de Dewey –, afastando Bacon do alicerce de tal classificação. O posicionamento de Graziano colide com a tradição literária referente à história das classificações de bibliotecas, que defende o pensamento de Bacon como a

influência filosófica que deu suporte à organização de livros nestes espaços. De igual maneira, a consideração do autor desafia as próprias afirmações de Harris e Dewey sobre a presença baconiana em seus sistemas.

Ao elaborar a análise comparativa para comprovar sua hipótese, Graziano (1959) toma como ponto de partida as classes que ocupam a posição intermediária nos sistemas de Bacon, Hegel e Harris. Isto leva o autor a utilizar como classe de referência para a comparação a Poesia de Bacon e não a Arte ou os assuntos atinentes a esta que se desmembravam predominantemente na Filosofia.

Ainda que Graziano (1959) não tenha avaliado a Arte dispersa no sistema de Bacon (em História e Filosofia), é possível perceber que estruturalmente, as classes de Hegel e Harris têm maior semelhança com o Sistema de Dewey do que Bacon, conforme apresentado no Quadro 1.

Quadro 1 – Aproximação da classe Artes de Bacon, Hegel, Harris e Dewey.

| Classificação de Bacon As manifestações da Arte presentes no sistema | Sistema das Artes de Hegel Belas Artes | Classificação bibliográfica de Harris 65. XII. Belas Artes | Classificação Decimal de Dewey – 23ª ed. Classe 700 e 800 |
|---|--|--|--|
| História C. Artes Poesia A. Narrativa ou Heroica (Épica) B. Dramática C. Alegórica. Fábulas, Mitologias, etc. Filosofia C. Filosofia humana (d) Voluptuária (Artes Liberais) (1) Pintura (2) Música | 1. Arquitetura | a. Arquitetura | 710 Planejamento de área e arquitetura paisagística 720 Arquitetura |
| | 2. Escultura | b. Escultura | 730 Escultura e artes relacionadas |
| | 3. Pintura | c. Desenho e Pintura | 740 Artes gráficas e decorativas 750 Pintura |
| | | d. Gravura e Litografia | 760 Gravuras e impressões |
| | | e. Imagens (coleções) | 770 Fotografia |
| | 4. Música | f. Música | 780 Música 790 Artes performáticas e recreacionais |
| 5. Poesia | XII. Poesia 69. XVI Prosa Ficcional | 800 Literatura e retórica | |

Fonte: GRAZIANO (1959); DEWEY (2011).

Ao propor uma análise da classe Artes nos três esquemas classificatórios – de Bacon, Hegel e Harris –, Graziano (1959) estabelece uma comparação entre três perspectivas distintas. Bacon cria seu esquema filosófico para classificar as ciências, no século XVII; Hegel propõe uma classificação que capte a unidade orgânica e a plasticidade dialética das Artes, no século XIX; e Harris elabora um sistema para organização de livros, no mesmo século que

o anterior. Tais esquemas podem possuir, portanto, uma estruturação diferente, de acordo com suas funções e épocas em que foram elaborados.

A Poesia, classe intermediária de Bacon, ocupa no esquema de Harris a mesma posição, todavia aparece acompanhada das Belas Artes, seguindo a mesma ordenação estabelecida por Hegel. Assim como Harris (1870) aponta que no tempo de Bacon, século XVII, a prosa havia se desenvolvido muito pouco e por isso não era mencionada, também as outras Artes não poderiam ocupar o mesmo lugar que dominam na classificação de Harris, século XIX, ficando divididas no sistema de Bacon. Já no sistema de Hegel, e consequentemente no de Harris, as Artes progredem da menor proximidade que possuem com o espírito para a maior, implicando em uma menor participação do sensível. Isto é,

a arquitetura é a arte mais pesada, que trabalha a materialidade bruta. A escultura está ainda no domínio das três dimensões, seguindo-se a pintura que já reduz seu material ao plano de duas dimensões. A sequência mostra as duas últimas artes [música e poesia] como artes que se desenrolam precipuamente no tempo. (KELLER, 2011, p. 71).

O objetivo de Bacon era estruturar um método do conhecimento e suas divisões principais agem como formas de conhecimento. Para o filósofo inglês, “forma significa caminho e a possibilidade de aproximar o conhecimento”. Por sua vez, o pensamento racionalista de Hegel “focado no ‘como’ e no ‘processo’, talvez tenha encontrado na interpretação de Harris o diálogo para a concepção Baconiana de ‘forma’ e ‘forma de conhecimento’”.

Harris declara fazer uso das ideias formativas de Bacon no esquema que propõe – demarcando as divisões principais que distinguem as diferentes espécies de livros –, mas não esclarece a influência que o direciona quanto ao conteúdo que alimenta as divisões e seções menores. Graziano (1959) proporciona esta resposta ao abordar em seu artigo a classificação das Artes de Harris como retrato do Sistema das Artes de Hegel.

Finalmente, é possível observar na classificação de Dewey o reflexo claro da lógica de Harris, inspirada em Hegel. Em seus escritos, todavia, Dewey, assim como Harris, reconhece sua dívida à Bacon e não menciona Hegel como fonte, o que talvez se deva ao fato da lógica baconiana já ter alcançado amplo reconhecimento acadêmico à época de Harris e Dewey, diferente da lógica hegeliana. O raciocínio seguido no sistema de Dewey apresenta nas

classes 700 e 800 o movimento que vai das artes mais concretas para as mais abstratas, iniciando pela Arquitetura e finalizando com a Poesia, como preferia Hegel.

A abordagem de Dewey reflete as presunções ontológicas e epistemológicas da filosofia ocidental do século em que viveu, apresentando os valores da cultura europeia e norte-americana (OLSON, 2001). Dewey determinou o arranjo e o conteúdo das disciplinas de sua classificação de acordo com o regime de verdade de seu tempo, o mesmo de Hegel e Harris. As artes são representadas por Bacon de maneira dispersa em seu sistema, porque, à sua época, século XVII, o entendimento de Arte não era o mesmo do século XIX.

A rigidez de uma estrutura que “privilegia as relações hierárquicas sobre todos os outros tipos de relações [...] inibe a capacidade da CDD de se adaptar a contextos de mudanças e da interdisciplinaridade” (OLSON, 2011, p. 12), o que é particularmente um problema no mundo contemporâneo. O desequilíbrio notacional torna-se comum e, nas atualizações, novos assuntos precisam ser “espremidos em áreas superlotadas, frequentemente resultando em longas classificações, ou em localizações surpreendentemente inapropriadas” (CRIPPS, 2011, p. 5-6, tradução nossa). “À medida que novas formas de arte aparecem, problemas se desenvolvem na classificação de livros sobre tais assuntos” (CLARKE, 1976, p. 3, tradução nossa).

Tornando-se pluralista, a arte deixa de se encaixar no esquema monolítico de Dewey que define as classes principais pelas formas de arte. As mudanças não possuem caráter qualitativo, mas demonstram uma nova postura perante o mundo e uma representação do conhecimento pobre pode impedir uma pesquisa ou apresentar como resultado um corpo de informações insuficientes.

2.2. Sobre os caminhos da estética e da arte

Pela inegável proximidade da classificação das artes de Dewey com o Sistema das Artes de Hegel, expõe-se aqui o pensamento estético hegeliano que formou tal estrutura, além de traçar algumas considerações sobre as artes na contemporaneidade – especificamente o movimento denominado “fim da arte” que remonta a Hegel.

O Sistema de Hegel ocupa-se em compreender a Estética, o belo na arte. Na história ocidental, as questões estéticas fundaram-se no fracasso histórico das artes poéticas, uma vez que, no Renascimento italiano, a pintura e a escultura “[...] passaram a ser igualmente

consideradas belas artes e a ter um status social de arte livre equivalente ao das artes poéticas” (SANTORO, 2007).

A instauração do campo da Estética nos séculos XVIII e XIX afirmou socialmente os cânones de um discurso racional sobre o belo. Hegel considerava que o belo podia ser determinado objetivamente, não se tratando de um juízo de gostos, e definiu a estética como “ciência do belo”, mais precisamente do belo artístico, ficando excluído o belo natural.

O conceito hegeliano de arte não é estático ou abstrato. Não é possível pensar o conceito de arte separado de sua manifestação no espaço e no tempo, ou seja, “[...] não é possível compreender filosoficamente a arte senão por meio das obras de arte, que são a manifestação sensível e concreta desse conceito” (BRAS, 1990, p. 21).

Hegel afirma que os cinco gêneros artísticos – arquitetura, escultura, pintura, música e poesia – determinados de forma hierárquica em seu Sistema, podem estar presentes em todos os períodos históricos da arte, todavia, é possível que um único gênero seja dominante em certo período. Tal percepção só é possível quando há um afastamento temporal do indivíduo para refletir a arte filosoficamente.

Hegel viu na arte um movimento histórico que alcança seus limites, pois o fazer artístico está diretamente relacionado ao mundo em que o artista vive, sua obra traduz seu tempo. Como um produto humano, a obra de arte não é algo natural, e sim uma “[...] coisa sensível, habitada por um conteúdo espiritual que, apenas ele, lhe confere sua realidade objetiva: não existe efetivamente senão pela e para comunidade histórica em que adveio” (BRAS, 1990, p. 94-95). Assim, a morte da arte não é um acidente incompreensível, mas uma necessidade inerente ao que ela era. Separada do conjunto pelo qual tinha sentido a vida, a arte encerra seu ciclo, dando lugar ao novo. (BRAS, 1990).

A tese da morte ou “fim da arte” é formulada inicialmente por Hegel em seus Cursos de Estética e retomada por críticos e historiadores de arte contemporâneos, diante das experiências artísticas vividas no século XX, alimentando discussões teóricas sem haver, todavia, consenso entre as interpretações. Para Hegel a palavra “fim” não se relaciona, necessariamente, ao “término” da arte. O que se encerra não é a produção de objetos artísticos e sim o momento histórico no qual eles estão inseridos. O fim apenas aponta à perda simbólica consequente de uma mudança de pensamento da sociedade.

Arthur Danto, influente filósofo e crítico de arte norte americano do século XX e XXI, assimila o pensamento hegeliano defendendo, todavia, suas diferenças a ele. Para Danto

(2013), o “fim da arte” está ligado à maneira como a história da arte foi concebida enquanto uma sequência de fases de uma narrativa em desdobramento. A arte que se faz na contemporaneidade não faz mais parte de uma nova era da arte, mas sim de um novo tipo de era, onde nada pode ser descartado como arte. Um momento de profundo pluralismo e de total tolerância. Quanto ao belo, o autor afirma que sendo a percepção artística totalmente histórica, a beleza artística também o é. (DANTO, 2013).

Danto trata sua tese como histórica e defende que o desenvolvimento da arte nos leva ao coração de sua filosofia. “Somente quando ficou claro que tudo poderia ser uma obra de arte foi que se pôde pensar a arte filosoficamente” (DANTO, 2006, p. 17). Aqui é onde o autor reconhece seu pensamento fundamentalmente hegeliano: “o fim da arte consiste na tomada de consciência da verdadeira natureza filosófica da arte” (DANTO apud SÜSSEKIND, 2014, p. 361).

O rompimento da arte com padrões estéticos tradicionais gradualmente levou a um questionamento maior: “Até o século XX acreditava-se tacitamente que as obras de arte poderiam sempre ser identificadas como tais. Agora, o problema filosófico é explicar por que são obras de arte” (DANTO, 2006, p. 40).

Danto estabelece a década de 1960 como o início do seu pensamento sobre esta nova era da arte e narra como determinante para tal, o contato impactante que teve com a *pop art*, especificamente, a obra *Brillo Box* de Andy Warhol, em uma exposição de 1964. A reflexão de Danto seguiu a lógica: se é possível uma caixa de sabão em pó ser vista como arte, então qualquer coisa é possível. Intrigado com a relação problemática entre as duas caixas idênticas de *Brillo*, sendo uma “verdadeira” e a outra instalação de Warhol, Danto questionou-se o que fazia de uma delas obra de arte. (DEGEN, 2005).

A arte contemporânea é definida por Danto como “[...] ‘pós-histórica’, no sentido de não mais adequar-se a uma narrativa progressiva que determina ou limita a produção artística”. (SÜSSEKIND, 2014, p. 362). Isto é, a história da arte estruturada narrativamente chegara ao fim (DANTO, 2006). Sendo admissível aceitar que tenha existido uma era antes da arte, Danto defende a possibilidade de haver outra descontinuidade: a arte produzida após o término desta. Na era do pluralismo, Danto se diz “partidário antes de uma estética do sentido do que de uma estética da forma” (DEGEN, 2005, p. 132). “A era pós-narrativa proporciona um imenso menu de escolhas artísticas, e em sentido algum impede que um

artista faça todas as escolhas que quiser” (DANTO, 2006, p. 165). Esta linha de pensamento leva Danto (2006, p. 206) a afirmar: “é arte se for arte, de outro modo não é arte”.

3 O PERCURSO METODOLÓGICO: UMA ANÁLISE DA CLASSE 700

A pesquisa se caracteriza como bibliográfica, no que se referem às fontes utilizadas, pois a mesma foi desenvolvida a partir de materiais bibliográficos já elaborados pela literatura nacional e internacional, e documental, uma vez que a consulta direta à 23ª edição da CDD foi outro procedimento adotado. Com relação à natureza da pesquisa, pode-se afirmar se tratar de uma pesquisa explicativa, na medida em que se buscou identificar aspectos teóricos e filosóficos que determinam as insuficiências da CDD para com os assuntos atinentes à Arte. A análise dos dados foi pautada na abordagem qualitativa, pois se valeu do exercício de interpretação para inferir efetivamente sobre as lacunas da CDD. Lançou-se mão do método dialético de história-estrutural para viabilizar as comparações do esquema classificatório das artes de Dewey, bem como seus fundamentos teórico-filosóficos, com aspectos relativos à Arte na contemporaneidade. O plano de fundo metodológico baseado na abordagem dialética de história-estrutural permitiu captar as dialéticas que embasam a CDD e as narrativas que ela registra.

A classe 700 da CDD analisada em paralelo com a visão da arte na contemporaneidade levanta questões práticas sobre o emprego da classificação de Dewey na organização de acervos bibliográficos desta temática. Nesta tarefa, certas insuficiências da CDD se apresentam como consequência das mudanças conceituais no campo das artes – ocorridas entre o século XIX (criação da CDD) e a atualidade –, enquanto outras se mostram como problemas estruturais de formação do esquema.

3.1. Apresentação e discussão dos resultados

Serão apresentadas a seguir algumas questões de cunho prático sobre aplicação da CDD na classificação de publicações de assuntos atinentes a arte. Os exemplos foram divididos em quatro tipos de problemas e visam oferecer um panorama dos desafios encontrados ao fazer uso da CDD, apontando as insuficiências da classe 700.

3.1.1. Dispersão de assuntos semelhantes no acervo

Problemas de ordenação de estante iniciam já na primeira subdivisão da classe 700. As classes de 701 a 708 são dedicadas a belas artes e artes decorativas não limitadas a uma única forma de arte e 709 abrange história da arte, estilos e movimentos artísticos. Já as classes de 730 a 760, por sua vez, abrigam formas de arte únicas – escultura, desenho, pintura e gravura –, no entanto, também são afiliadas às belas artes e artes decorativas. “Esta ordenação bizarra separa publicações classificadas em 709 de outros aspectos intimamente relacionados da arte. Por exemplo, Cubismo não limitado a pintura é classificado em 709.04032, e pintura cubista em 759.0632”. (CRIPPS, 2011, p. 7, tradução nossa).

Do ponto de vista filosófico, embora fosse possível, existir uma hierarquia que ordenasse a escultura (730) como predecessora do desenho (740) e da pintura (750), estas artes aconteciam – há época da criação da CDD e ainda hoje – simultaneamente, sendo viável, inclusive, que um artista atuasse como arquiteto, escultor, desenhista e pintor, visto o caso de Leonardo Da Vinci (1452-1519). (LEONARDO..., 2018). Ou seja, ainda que no século XIX, a arte tivesse um viés monolítico que determinasse de maneira assertiva e clara o que era arte e o que deixava de ser, isto não significava que a produção de um artista se limitava, necessariamente, a uma única forma de arte.

De acordo com a CDD: se uma publicação trata sobre a arquitetura de Da Vinci, ficará em 720.92; se fala sobre as esculturas, então deve ser classificada em 730.92; se aborda os desenhos, 741.092; se o assunto são as pinturas, 759.03; e caso uma obra aborde todos os trabalhos que Da Vinci realizou, a CDD indica a notação: 709.2 (Biografia), que determina: “classifique aqui descrições, avaliações críticas, obras de artistas não limitadas a uma forma de arte específica” (DEWEY, 2011, v. 3, p. 532, tradução nossa).

A classe 709.2 revela-se como um abrigo amplo para uma diversidade de publicações. Esta característica pode ser negativa tratando-se de classificações bibliográficas, pois uma quantidade enorme de artistas será classificada no mesmo local, sem ordenação de suas semelhanças e diferenças. “Uma boa notação não torna um sistema de classificação bom, mas a má notação pode arruinar um bom sistema, já advertiu Henry Bliss” (PIECADE, 1983, p. 38).

Embora a CDD possa manter assuntos iguais reunidos, publicações sobre um mesmo artista podem não ser agrupadas em um único lugar, o que dificulta a contemplação de sua

produção como um todo e sua posterior recuperação – como no caso de Leonardo Da Vinci (arquiteto, escultor, desenhista e pintor). Este exemplo mostra que o uso de variados meios para produção artística não é uma demanda dos artistas contemporâneos e já existia muito antes das classificações de Dewey, Harris e Hegel.

Cabe ressaltar que a CDD apresenta outra classe com características semelhantes a 709.2: 700.92. Dewey determina: “utilize este período de subdivisões padrão para materiais que incluem duas ou mais belas artes ou artes decorativas e uma ou mais das demais artes, ex.: trabalho sobre um pintor que também é escultor e poeta” (DEWEY, 2011, p. 532, tradução nossa). No exemplo, observa-se que poesia (808.81) também é vista como uma forma de arte, ainda que esteja fora da classe 700. Questiona-se, portanto, se seria possível classificar em 700.92 uma publicação que aborde todas as formas de arte de Da Vinci e inclua seus trabalhos como engenheiro. Após definir o que são “demais artes”, esta se torna mais uma possibilidade de notação e mais um local de dispersão das obras sobre Leonardo Da Vinci.

3.1.2. Desequilíbrio notacional

Cripps (2011, p. 7, tradução nossa) identifica como um desequilíbrio notacional o fato de algumas classes formarem notações curtas e objetivas com poucos caracteres enquanto outras necessitam de muitos para representar um assunto. A autora compara as classes 703 (Dicionários e Enciclopédias de Belas Artes e Artes Decorativas) e 704 (Tópicos Especiais em Belas Artes e Artes Decorativas): “Enquanto a notação para uma enciclopédia geral de arte é simplesmente 703; uma publicação sobre [...] motos na arte é 704.9496292275. O último exemplo é extremo, mas 13 caracteres para expressar conceitos tão simples como motos e arte é certamente inútil”. Questões semelhantes ocorrem entre as classes 705 (Publicações seriadas de Belas Artes e Artes Decorativas) e 709 (História, Tratamento geográfico e biografia). A autora afirma que notações longas dificultam o acesso dos usuários às publicações e requerem mais tempo da equipe na organização do acervo.

O viés ocidentalista, branco, cristão e nacionalista que direcionou Dewey na elaboração de seu sistema também teve reflexos na classe Artes. Existe uma desigualdade evidente quando tópicos relacionados ao cristianismo são comparados com os de outras religiões. A arte cristã está alocada entre o intervalo 704.9482-704.9487 (dentro de Tópicos

especiais, em Iconografia), enquanto a arte de outras religiões está inteiramente contida em 704.9489 e pode incluir notações adicionais da classe religião (200). A consequência disto, além da falta de equilíbrio de desdobramentos na tabela, é a necessidade de uma notação muito maior aos tópicos não cristão, pois buscam complemento fora da classe 700 (ex.: arte de um texto sagrado budista - 704.94894382325; representação artística de personagens bíblicos - 704.9484). (CRIPPS, 2011).

Na Arquitetura, o destaque à crença cristã faz-se novamente presente. A notação de edifícios religiosos cristãos (726.5) inclui um alto grau de detalhamento e especificidade, porém o mesmo não ocorre para construções não cristãs, que deixam de abordar até mesmo tópicos fundamentais, como características estruturais e decoração de interiores. (CRIPPS, 2011).

Na classe designada à Pintura (750), Cripps (2011) observa que, diferente do tratamento dado aos artistas de todas as outras classes, Dewey classifica os pintores geograficamente. Ao fazer isto, reúne no mesmo local – entre as notações 759.1-759.9 – tanto publicações sobre pintura e quanto sobre pintores de um determinado país, causando falta de clareza na organização das estantes. Sobre este assunto, cabe uma ponderação. Caso seja de interesse do pesquisador analisar a produção dos artistas de um país específico, esta informação não será alcançada de forma simples se a notação não contemplar este dado. A problemática sobre a determinação geográfica do artista, no entanto, não é diminuída, mas afastar completamente a importância deste aspecto dependerá das necessidades de cada unidade de informação.

A CDD oferece como opção de classificação para todos os pintores, a notação 750.92 – “uma opção que coloca muitos outros aspectos da pintura entre os pintores e a história de sua arte” –, mas dá preferência pelo uso das classes 759.1-759.9. O período histórico de criação das obras de um artista também é relevante para uma classificação. “Uma ordenação de prateleira onde, potencialmente, [...] em 750.92, Mel Ramos está próximo a Raphael, parece bastante insatisfatória” (CRIPPS, 2011, p. 9, tradução nossa). Todavia, ainda conforme Cripps (2011), inserir no número de classificação do artista o século em que realizou a maior parte de sua produção é relativamente uma adaptação. A autora mostra que ao adicionar o complemento 092 ou 0922 (biografias ou coleção de biografias) à notação, já com a forma de arte e o século apropriado, resolveria a questão (Ex.: escultor do século XX - 735.23092, não 730.92, Biografias). Para Cripps (2011, p. 9, tradução nossa), “o

tratamento de artistas individuais na CDD é possivelmente o aspecto menos satisfatório da classe 700”.

3.1.3. Lacunas sobre a arte na contemporaneidade

As classes principais 710 a 780, destinadas às formas únicas das artes – arquitetura, escultura, desenho, pintura, gravura, fotografia e música –, encontram insustentabilidade na atual era pluralista. A possibilidade de tudo poder ser arte, uma vez que seja legitimada como tal, indica que estas artes não são mais as únicas possíveis e, portanto, seu posicionamento hierárquico destacado não se justifica. Tendo em vista que, por natureza, a CDD necessita “enquadrar” os assuntos em suas notações – por mais complexo que isto seja tratando-se de Artes –, pode-se afirmar que Performance, por exemplo, deve ser reconhecida como forma de arte da mesma maneira que Escultura. A primeira encontra-se sob a notação 709.040755 – subordinada a Arte Conceitual, dentro de século XX – e a segunda, sob 730. Questiona-se aqui o posicionamento de Performance como uma subclasse, enquanto a Escultura, que também é uma forma de arte, ocupa uma classe principal no sistema.

Logicamente, Dewey, no século XIX, não poderia conceber que outras formas de arte seriam possíveis além daquelas que determinou, refletindo a época em que o Sistema foi elaborado. No entanto, sua inerente rigidez, que não permite a inserção de novos assuntos sob o mesmo posicionamento hierárquico, por exemplo, provoca, na contemporaneidade, uma representação temática deficiente.

A respeito dos novos assuntos inseridos de maneira inapropriada, pelas revisões da CDD, Cripps (2011) aponta dois casos: *Computer Art (Digital Art)* e *Graffiti* – classificados, respectivamente, em 776 (classe Fotografia) e 751.13 (classe Pintura). Em edições anteriores da CDD, *Computer Art* era classificado em 709.04, todavia este número foi descontinuado. Cripps (2011) considera que a classificação entre os aspectos gerais da arte do século XX era, pelo menos, mais coerente do que estar hierarquicamente ligado à Fotografia. Já o assunto *Graffiti* compartilha sua classificação com pintura mural e afrescos, em 751.73. Para Cripps (2011, p. 8, tradução nossa), “a arte do metrô de Nova York organizada nas estantes ao lado de afrescos italianos parece algo estranho”.

3.1.4. Hierarquização de assuntos não relacionados a artes

Ao analisar as “Artes recreativas e performáticas”, classe 790, constatou-se uma ampla variedade de atividades que nem sempre estão diretamente ligadas às Artes. Para fazer esta afirmação, entende-se como Arte: “[...] qualquer forma de expressão humana em que esteja presente a preocupação estética. Por extensão, toda a produção artística relacionada a um determinado período, região ou pessoa” (CUNHA, 2005, p. 120). As classes 791 e 792, respectivamente “Performances públicas” e “Apresentações de palco”, trazem, entre suas notações, os assuntos: Cinema, Teatro e Dança. Todavia, as demais classes incluem em suas estruturas, conteúdos que não possuem uma relação essencial com as Artes.

A classe 793 (jogos *indoor* e entretenimento) abrange em sua hierarquia: Festas e entretenimentos; Dança nacional, social e folk; Mágica; e variados tipos de jogos (ex.: quebra-cabeças). De acordo com o conceito de Arte exposto acima, pode-se dizer que, com exceção da Dança, os demais assuntos abordados pela classe 793 são atividades recreativas que não possuem, necessariamente, um viés artístico.

Entre as classes 794 e 799 classificam-se diversos tipos de esporte (ex.: futebol, vôlei), no entanto, nenhuma das correntes esportivas aproxima-se das Artes, conforme conceito exposto, o que enfraquece a relação com a classe 700. Ainda dentro destas classes, estão os jogos eletrônicos (794.8) e os jogos de azar (795), que não se classificam nem como Arte nem como esporte. Ambos possuem questões centrais que predominam sobre as pessoas envolvidas, ou seja, o primeiro caso utiliza um software nas disputas e, o segundo tem a sorte ou o azar como princípio. (TUBINO; TUBINO; GARRIDO, 2007).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As brechas do Sistema de Classificação de Dewey não diminuem sua popularidade. No entanto, é exigido aos profissionais da informação certo grau de criatividade para colocá-lo em funcionamento. As atualizações da classe Artes, a cada nova edição da CDD, cobrem problemas pontuais, sem suprir as reais necessidades da área. Ao apontar as origens, desenvolvimento e inegáveis insuficiências da CDD, este estudo pode colaborar no aprimoramento de seu uso.

A rigidez refletida nas notações construídas com este esquema de classificação impõe ao acervo bibliográfico uma organização por vezes ilógica do ponto de vista da história da arte. Os exemplos apresentados neste estudo não pretendem dar conta de todas as incongruências presentes na classe 700 do sistema de Dewey, mas apresentar questões que não se restringem a classificação de acervos especializados.

Do ponto de vista da organização do conhecimento, as insuficiências da CDD não são uma exceção do campo das Artes e sim uma regra presente em todas as disciplinas que aborda. Congelar um aspecto do conhecimento para fins pragmáticos de classificação de publicações é uma contradição inerente em uma sociedade dinâmica. Ao trazer à luz os problemas da classificação das Artes, propôs-se a avaliação de uma parte específica da CDD, pontuando o contexto filosófico em que está inserida, os aspectos insuficientes que carrega e as dificuldades que isto gera no emprego da classe 700.

O uso da classe 700 da Classificação Decimal de Dewey para classificação das artes mostra-se insuficiente quanto a seu arranjo hierárquico, abrangência e especificidade dos assuntos que aborda. Estes problemas, apesar de terem sido potencializados na contemporaneidade, não surgiram neste período.

É característica da era em que vivemos a rejeição e o questionamento de verdades universais, o que, logicamente, impossibilita a utilização de um sistema de classificação com este traço. O classificador será sempre um sujeito exposto à cultura e ao tempo em que vive, mas é possível pensar em meios de otimização dos sistemas de classificação bibliográficos já existentes e na criação de novos mais flexíveis.

Cabe ressaltar aqui a importância da prática institucional de registrar sistematicamente as soluções encontradas para o uso favorável da classificação das Artes, a fim de instruir os profissionais que lidam com este Sistema, dar continuidade às normas estabelecidas e possibilitar a cooperação entre instituições com questões semelhantes.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Correntes teóricas da Ciência da Informação. **Ciência da Informação**, v. 38, n. 3, p. 192-204, dez. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v38n3/v38n3a13.pdf>. Acesso em: 9 jul. 2018.

BACON, Francis. **O progresso do conhecimento**. Tradução Raul Fiker. São Paulo: UNESP, 2007.

XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC

BRAS, Gérard. **Hegel e a arte**: uma apresentação à Estética. Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990. (Textos de Erudição e Prazer).

BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento**: de Gutenberg a Diderot. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CLARKE, Sherman. Library classification in the arts. *In*: PATTEN, David J (ed.). Library Classification Systems and the Visual Arts. **Arlins/NA Newsletter**, Chicago, v. 4, n. 4-5, Summer 1976. Suplemento, p. 3-4. Disponível em: http://www.jstor.org/stable/27945691?seq=1#page_scan_tab_contents. Acesso em: 13 maio 2018.

CRIPPS, Jill. Dewey and the visual arts: some thoughts on the scheme and its application. **Art Libraries Journal**, London, v. 36, n. 4, p. 5-12, 2011.

CUNHA, Almir Paredes. **Dicionário de artes plásticas**. Rio de Janeiro: EBA/UFRJ, 2005. v. 1. (Guias para o estudo da história da arte).

DANTO, Arthur C. **Após o fim da arte**: a arte contemporânea e os limites da história. São Paulo: Edusp, Odysseus, 2006.

DANTO, Arthur C. Crítica de arte após o fim da arte. **Viso**: Cadernos de estética aplicada: revista eletrônica de estética, v. 7, n. 14, jul./dez. 2013. Disponível em: http://revistaviso.com.br/pdf/Viso_14_ArthurDanto.pdf. Acesso em: 12 jan. 2018.

DEGEN, Natasha. A filosofia da arte: entrevista com Arthur C. Danto. Tradução de Joaquim Toledo Jr. **Novos Estudos Cebrap**, São Paulo, n. 73, p. 127-132, nov. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/nec/n73/a09n73.pdf>. Acesso em: 20 maio 2018.

DEMO, Pedro. **Introdução à metodologia da ciência**. São Paulo: Atlas, 1985.

DEWEY, Melvil. Dewey. **Decimal Classification and Relative Index**. 23. ed. Dublin, Ohio: OCLC, 2011.

ECO, Umberto. **A definição de arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

FOSKETT, A. C. **A abordagem temática da informação**. São Paulo: Polígono; Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1973.

FROHMANN, Bernd. The social construction of knowledge organization: the case of Melvil Dewey. **Advances in Knowledge Organization**, v. 4, p. 109-117, 1994.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GRAZIANO, Eugene E. Hegel's philosophy as basis for the Dewey Classification Schedule. **Libri**, v. 9, p. 45-52, 1959.

XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC

HARRIS, WM. T. Book classification. **The Journal of Speculative Philosophy**, St. Louis, v. IV, p. 114-128, 1870.

HEGEL, G. W. F. **Curso de Estética**: o Sistema das Artes. Tradução: Álvaro Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

KELLER, Phillip Wilhelm. **Estrutura da obra de arte na filosofia de Hegel**: análise da estrutura da arte nos cursos de Berlim com relação aos conceitos de organismo, ação e conceito. 2011. 129 p. Tese (Doutorado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em:
<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8133/tde-17082012-104854/pt-br.php>.
Acesso em: 18 jan. 2018.

LEIDECKER, K. F. **Yankee teacher**: the life of William Torrey Harris. New York: The Philosophical Library, 1946.

LEONARDO da Vinci. *In*: BENEZIT. **Dictionary of Artists**. [S.l.]: Oxford University Press, 2018. Disponível em: <http://www.oxfordartonline.com/benezit/abstract/10.1093/benz/9780199773787.001.0001/acref-9780199773787-e-00191539?rskey=xkfbkY&result=2>. Acesso em: 13 nov. 2018.

MORAIS, Frederico. **Panorama das artes plásticas, séculos XIX e XX**. 2. ed. São Paulo: Instituto Cultural Itaú, 1991.

OLSON, Hope A. A potência do não percebido: Hegel, Dewey e seu lugar na corrente principal do pensamento classificatório. **InCID: R. Ci. Inf. e Doc.**, Ribeirão Preto, v. 2, n. 1, p. 3-15, jan./jun. 2011. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/incid/article/view/42331>. Acesso em: 20 maio 2017.

OLSON, Hope A. Sameness and difference: a cultural foundation of classification. **Library Resources & Technical Services**, Chicago, v. 45, n. 3, p. 115-122, jul. 2001. Disponível em: http://polaris.gseis.ucla.edu/gleazer/462_readings/olson_2001.pdf. Acesso em: 20 maio 2017.

PIECADE, M. A. Requião. **Introdução à Teoria da Classificação**. 2. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Interciência, 1983.

POMBO, Olga. **Da classificação dos seres à classificação dos saberes**. Lisboa, 2002. Disponível em: <http://www.educ.fc.ul.pt/hyper/resources/opombo-classificacao.pdf>. Acesso em: 20 maio 2017.

SALES, Rodrigo de. **A organização da informação de Julius Kaiser**: o nascimento do método analítico-sintético. [S.l.]: Novas Edições Acadêmicas, 2014.

SANTORO, Fernando. Sobre a estética de Aristóteles. **Viso**: Cadernos de estética aplicada, v. 1, n. 2, p. 1-13, maio/ago. 2007. Disponível em: <http://revistaviso.com.br/visArtigo.asp?sArti=12>. Acesso em: 31 maio 2018.

XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC

SIQUEIRA, Jéssica Câmara. O conceito classificação: uma abordagem histórica e epistemológica. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, Nova Série. São Paulo, v. 6, n. 1, p. 37-49, jan./jul. 2010.

SÜSSEKIND, Pedro. Greenberg, Danto e o fim da arte. **Kriterion**, Belo Horizonte, n. 129, p. 349-362, jun. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/kr/v55n129/19.pdf>. Acesso em: 20 maio 2018.

TUBINO, Manoel José Gomes; TUBINO, Fábio Mazon; GARRIDO, Fernando Antonio Cardoso. **Dicionário Enciclopédico Tubino do Esporte**. Rio de Janeiro: Senac Rio, 2007.

WIEGAND, Wayne A. The “Amherst Method”: the origins of the Dewey Decimal Classification Scheme. **Libraries & Culture**, v. 32, n. 2, p. 175-194, spring 1998.